



SÉRIE
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

ROMANOS



C. Marvin Pate

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	vii
Introdução à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	ix
Prefácio	xi
Reduções gráficas (abreviações e siglas) ..	xii
Introdução a Romanos	1
Romanos 1.1-7	16
<i>O evangelho de Deus em Cristo</i> <i>anunciado por Paulo</i>	
Romanos 1.8-15	22
<i>Os gentios e a obediência da fé</i>	
Romanos 1.16,17	28
<i>O evangelho da salvação</i>	
Romanos 1.18-32	34
<i>A história de Israel e a história dos gentios</i>	
Romanos 2.1-11	40
<i>A história de Israel no presente e no futuro</i>	
Romanos 2.12-16	46
<i>A história dos gentios no presente</i> <i>e no futuro</i>	
Romanos 2.17-24	52
<i>Paulo reinterpreta a história de Israel</i>	
Romanos 2.25-29	58
<i>Os gentios e a restauração de Israel</i>	
Romanos 3.1-8	64
<i>A fidelidade de Deus e as maldições da</i> <i>aliança sobre Israel</i>	
Romanos 3.9-20	70
<i>O mundo todo está sob as</i> <i>maldições da aliança</i>	
Romanos 3.21-26	76
<i>A justiça redentora de Deus e a</i> <i>restauração de Israel</i>	
Considerações adicionais	82
<i>Sacrifício Redenção O uso que Paulo</i> <i>faz de materiais oriundos da tradição</i>	
Romanos 3.27-31	84
<i>O orgulhar-se na lei versus a</i> <i>justificação pela fé</i>	
Considerações adicionais	90
<i>A fé e a lei nos textos de Paulo</i>	
Romanos 4.1-8	92
<i>A história de Abraão em contraste</i> <i>com a história de Israel</i>	
Romanos 4.9-17a	98
<i>A aliança abraâmica em contraste</i> <i>com a aliança mosaica</i>	
Romanos 4.17b-25	104
<i>Fé, Abraão e o cristão</i>	
Romanos 5.1-4	110
<i>Bênçãos da nova aliança: paz e esperança</i>	
Romanos 5.5-11	116
<i>Bênçãos da nova aliança: amor</i>	
Romanos 5.12-14	122
<i>Adão, a lei e a maldição da aliança</i>	
Romanos 5.15-21	128
<i>A nova humanidade como bênção</i> <i>da nova aliança</i>	
Romanos 6.1-7	134
<i>Novo domínio como bênção da nova</i> <i>aliança: mortos para o pecado</i>	
Considerações adicionais	140
<i>Os antecedentes do batismo cristão</i>	

Romanos 6.8-14	142	Romanos 12.3-8	240
<i>Novo domínio como bênção da nova aliança: vivos para Deus</i>		<i>Serviço na comunidade da nova aliança</i>	
Romanos 6.15-23	148	Considerações adicionais	246
<i>O novo domínio do cristão: dedicados à justiça</i>		<i>Os antecedentes da analogia paulina do corpo de Cristo</i>	
Romanos 7.1-12	154	Romanos 12.9-21	248
<i>Liberdade da lei por meio de Cristo, escravidão à lei por meio de Adão</i>		<i>A ética de amor da nova aliança</i>	
Romanos 7.13-25	160	Romanos 13.1-7	254
<i>“Desgraçado homem que sou!”: a batalha das duas eras dentro do cristão</i>		<i>Deus e o governo</i>	
Romanos 8.1-17	166	Romanos 13.8-14	260
<i>O Espírito Santo e as bênçãos da nova aliança</i>		<i>Ética e escatologia</i>	
Romanos 8.18-30	172	Romanos 14.1-12	266
<i>O Espírito e a glória da era vindoura e a nova aliança</i>		<i>“Fracos” e “fortes” devem conviver pacificamente</i>	
Romanos 8.31-39	178	Romanos 14.13-23	272
<i>Justificação diante de Deus por causa do amor de Cristo</i>		<i>Cristãos fortes e fracos: a nova e a antiga aliança</i>	
Romanos 9.1-5	184	Romanos 15.1-13	278
<i>Israel, as maldições presentes e as bênçãos passadas da aliança</i>		<i>A união de fortes e fracos e a nova aliança</i>	
Romanos 9.6-29	190	Romanos 15.14-21	284
<i>Maldições da aliança sobre Israel, bênçãos da aliança sobre os gentios</i>		<i>Paulo, o apóstolo da nova aliança aos gentios</i>	
Romanos 9.30—10.5	196	Romanos 15.22-29	290
<i>A inversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: fé no lugar da lei</i>		<i>Oferta para Jerusalém e missão à Espanha</i>	
Considerações adicionais	202	Romanos 15.30-33	296
<i>Antecedentes deuteronômicos Zelo fanático Telos</i>		<i>Maldições sobre os descrentes, bênçãos sobre os crentes</i>	
Romanos 10.6-21	204	Romanos 16.1,2.....	302
<i>A inversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: justiça que vem da fé</i>		<i>Paulo, Febe, amparo e a Espanha</i>	
Romanos 11.1-10	210	Romanos 16.3-16	308
<i>Exílio para a nação de Israel, restauração para o Israel espiritual</i>		<i>Saudações de Paulo às igrejas romanas</i>	
Romanos 11.11-24	216	Romanos 16.17-20	314
<i>A bondade e a severidade de Deus</i>		<i>Maldições sobre os falsos mestres, bênçãos sobre os cristãos romanos</i>	
Romanos 11.25-32	222	Romanos 16.21-23	320
<i>O mistério e a misericórdia de Deus</i>		<i>Saudações dos colaboradores de Paulo em Corinto aos cristãos romanos</i>	
Romanos 11.33-36	228	Romanos 16.25-27	326
<i>O plano divino de salvação</i>		<i>A doxologia</i>	
Romanos 12.1,2.....	234	Notas	333
<i>Testemunhas da nova aliança</i>		Bibliografia	343
		Créditos das imagens	348
		Índice de assuntos	350

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta feita pelos organizadores quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários modernos muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As discussões sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em discussões técnicas, os pastores em geral lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegeticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento hermenêutico. Existe a necessidade de um

comentário que empregue o que há de melhor em termos de pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido para cumprir esse propósito: disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira como de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se preparam semanalmente com o auxílio desta obra vão saber que estão lendo a cada semana, de modo aproximado, a mesma quantidade de texto.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e uma lista de seus temas-chave. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem,

seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo em que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar discussões mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Hoje em dia, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto na seção “Para entender o texto”, cada unidade de até seis páginas traz as

seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, a Palavra de Deus, “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade.

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Principais temas*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante

à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser extremamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Principais temas”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui o comentário sugere ilustrações úteis em áreas como literatura, entretenimento, história e biografia. O propósito é oferecer ideias gerais para ilustrar os principais temas da passagem e, desse modo, servir como catalisador para uma ilustração eficaz do texto.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para encurtar a distância entre o texto bíblico e sua aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Outra explicação se faz necessária. Neste comentário de Romanos, não traduzimos *atonement* por “expição”, como é comum em obras teológicas traduzidas para o português, mas por “adunação” ou “obra/morte reconciliatória”. Ao fazer essa escolha, preservamos a distinção comum nos estudos teológicos em língua inglesa, em que a obra ou morte reconciliatória de Cristo é denominada *atonement* (formada a partir de *at + one*, à semelhança do latim *adunatio*, também formado a partir de *ad + unus*), o

que distingue a obra da cruz de seus desdobramentos: a “expição” (*expiation*; ação de eliminar o pecado) e a “propiciação” (*propitiation*; ação de afastar a ira punitiva de Deus). A palavra *atonement*, cunhada no processo de tradução da Bíblia para o inglês, busca transmitir de modo mais preciso o ato de tornar o pecador um só com Deus, ou seja, reconciliá-lo com Deus, e nisso abarca mais da gama de sentidos de seus equivalentes originais hebraico (*kapporet*) e grego (*hilasteriōn*) do que o termo “expição”. No âmago da morte reconciliatória de Cristo, encontram-se expição e propiciação: a expição estando condicionada à propiciação e a propiciação produzindo a expição. Desse modo, traduzir *atonement* por “expição” ou por “propiciação” em vez de usar o termo mais abrangente “adunação” deixaria de fora uma ou outra dimensão da linguagem sacrificial.

Prefácio

É uma grande alegria participar da *Série Comentário Expositivo*. Não consigo imaginar outro livro da Bíblia sobre o qual gostaria mais de escrever um comentário que a Carta de Paulo aos Romanos e é um privilégio receber o pedido de fazê-lo. Oro para que o leitor fique entusiasmado com a mensagem deste que é o mais importante dos escritos de Paulo.

Nenhum livro é uma empreitada independente e a presente obra não é exceção. Muitas pessoas me ajudaram a realizar o sonho de transformar este manuscrito em realidade. Menciono aqui apenas algumas. Primeiro, desejo agradecer a Mark Strauss pelo convite para participar desta série de comentários. Mark é um editor “de quem me agrado” (citando um texto bíblico)! Seu profissionalismo, seu discernimento e sua paciência me ajudaram a manter o rumo ao longo do projeto, e sou profundamente grato a ele por isso. Também foi uma grande satisfação realizar este trabalho em conjunto com uma ex-colega minha, a estimada Rosalie de Rosset. A dra. Rosset é uma professora perspicaz, com amplo conhecimento tanto de literatura quanto de teologia. É, portanto, uma honra que ela e outro colaborador, Mark Eckel, tenham contribuído com as seções de natureza

ilustrativa e prática de cada capítulo. E, como sempre, foi um prazer trabalhar com a excelente equipe da editora Baker; mais uma vez, fiquei impressionado com seu compromisso com o texto sagrado.

Também desejo expressar gratidão a minha aluna e assistente, sra. Jennifer Hill. Jennifer digitou a maior parte do manuscrito e, desse modo, realizou a tarefa quase impossível de ler minha caligrafia! É um prazer informar que, no momento, Jennifer e seu marido, Jason, se preparam para servir ao Senhor como missionários internacionais. Por fim, é uma bênção contínua trabalhar com uma instituição excelente como a Ouachita Baptist University. O pessoal da administração, os professores e especialmente os alunos merecem muitos agradecimentos por criarem um ambiente que promove o amor de Deus e o amor pelo aprendizado. Espero que este comentário de Romanos reflita esse sentimento.

C. Marvin Pate,
Titular da cátedra de Teologia Cristã,
Pruet School of Christian Studies,
Ouachita Baptist University.

30 de março de 2012

O evangelho de Deus em Cristo anunciado por Paulo

Ideia central *Paulo, o apóstolo aos gentios, foi divinamente escolhido para pregar o evangelho de Deus em Cristo, que era o cumprimento escatológico da dupla promessa veterotestamentária: a restauração de Israel e a conversão dos gentios.*

Para entender o texto

Texto em contexto

Romanos 1.1-7 constitui a primeira metade da introdução de Paulo a Romanos (a segunda metade é 1.8-15). A introdução, ou prefácio, das cartas antigas consistia de três partes: identificação do autor, identificação dos destinatários e cumprimento ou saudação aos destinatários. Estas são, portanto, as três partes em Romanos 1.1-7:

1. Remetente: Paulo (1.1-6)
2. Destinatários: aqueles que estão em Roma (1.7a)
3. Saudação: graça e paz (1.7b)

É provável que a parte sobre o remetente/autor (1.1-6) seja tão extensa por ser a primeira vez que Paulo se apresenta aos cristãos em Roma.

Por toda a carta aos Romanos há uma *inclusio* — uma ideia introdutória declarada, desenvolvida e retomada na conclusão — em torno do “evangelho” (cp. 1.1,2,9,15 com 15.16,19; 16.25-27). De fato, o “evangelho” ocupa a posição de

destaque e aparece na declaração temática da carta em 1.16-17. Assim, desde o início, Paulo chama a atenção dos leitores para o tema da carta: o evangelho de Deus por meio de Jesus Cristo.

Por fim, 1.1-7, juntamente com 1.8-15, corresponde à parte do preâmbulo em formato de aliança, o qual é tão evidente em Deuteronômio. Na estrutura de uma aliança típica do Antigo Testamento, o preâmbulo apresentava Yahweh como o Deus de Israel que cumpre sua aliança. Romanos 1.1-15 faz o mesmo, mas aqui Paulo equipara Jesus Cristo a Deus, cujo evangelho da nova aliança agora exerce impacto não apenas sobre judeus, mas também sobre gentios.

O seguinte esboço norteará a análise de Romanos 1.1-7:

1. Paulo é chamado para ser apóstolo do evangelho de Deus em Cristo, o cumprimento da dupla promessa escatológica do Antigo Testamento (1.1)
2. A restauração de Israel (1.2-4)
3. A conversão dos gentios (1.5-7)

Antecedentes históricos e culturais

1. As cartas gregas antigas eram divididas em três partes: introdução, corpo da carta e conclusão. As cartas do Novo Testamento, inclusive as de Paulo, apresentam a mesma divisão.

2. As “santas Escrituras” às quais Paulo se refere em 1.2 são o Antigo Testamento, que, em sua versão hebraica, é dividido em três seções: Torá (Lei), Nebiim (Profetas) e Quetubim (Escritos). Não há dúvida de que Paulo e os outros autores do Novo Testamento seguiram essa divisão tríplice (cf. Lc 24.27,44; cf., em outros textos da literatura judaica antiga, o prólogo de Eclesiástico, 4Ed 14.37-48; Josefo, *Ápion* 1.37-42).

3. Embora a fonte primária do evangelho de Paulo seja o Antigo Testamento, não deve ter passado despercebido à audiência romana do apóstolo que o termo “evangelho”, usado no culto ao imperador, trazia à memória o louvor a César Augusto e a *pax Romana*, paz que este governo trouxera ao mundo Mediterrâneo. Veremos no presente estudo de Romanos que, assim como Paulo mostra que a lei do Antigo Testamento é insuficiente para a salvação, ele também solapa a confiança indevida em César. Aliás, o desejo de Paulo é que sua missão à Espanha, apoiada pelos cristãos em Roma, resulte na segunda vinda de Cristo e na queda do império romano!

4. Em 1.1-7, Paulo parece assumir o papel do servo sofredor de Isaías. Observe estas possíveis relações:

Principais temas de Romanos 1.1-7

- Paulo foi chamado por Deus para ser um apóstolo, especialmente aos gentios (1.1,5-7).
- A mensagem de Paulo é o evangelho de Deus em Cristo, o cumprimento da dupla promessa escatológica veterotestamentária da restauração de Israel (1.2-4) e da conversão dos gentios (1.5-7).
- Paulo, contudo, inverte a ordem: primeiro vem a conversão dos gentios e, depois, a restauração de Israel (cp. 1.1-7 com 11.25-27).
- Paulo faz uso da seção de preâmbulo em formato de aliança do Antigo Testamento.

Paulo é servo (cp. 1.1 com Is 42.1-9; 49.1-13; 50.4-11; 52.13—53.12).

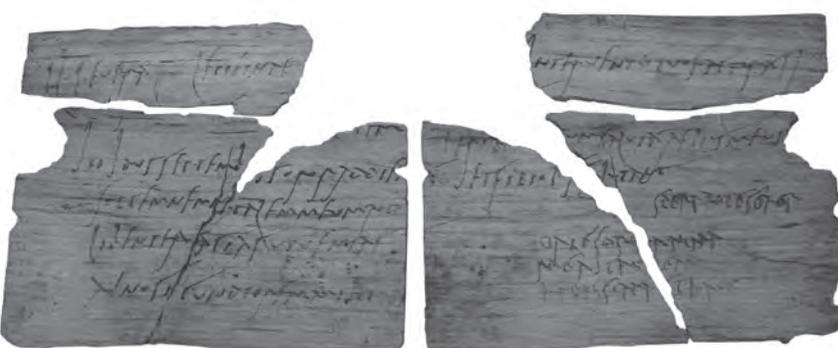
Paulo é chamado (cp. 1.1,6,7 com Is 41.9; 42.6; 43.1; 45.3,4; 48.12,15; 49.1; 51.2).

Paulo é apóstolo, enviado (cp. 1.1 com Is 6.8).

Paulo é enviado para compartilhar boas-novas (cp. 1.1-7 com Is 40.9).

Paulo é enviado aos gentios (cp. 1.5-7 com Is 42.6,7).

Carta escrita entre 97 e 103 d.C., encontrada nas ruínas de uma fortaleza romana na antiga cidade de Vindolanda (atual Chesterholm, em Northumberland, Inglaterra). A carta, escrita em uma placa fina de madeira, começa dizendo: “Claudia Severa [remetente] à sua Lepidina [destinatária], saudações”. O corpo do texto traz um convite para a comemoração de um aniversário e encerra com a seção de saudação: “Minhas saudações ao seu Cerialis. Meu Aelius e meu filho pequeno enviam saudações. Estarei esperando por você, irmã. Adeus irmã, minha amada querida; desejo-lhe muita prosperidade. Salve!” (Klauck, *Ancient letter*, p. 107). O texto apresenta claramente dois estilos de caligrafia, indicando que a maior parte da carta foi ditada a um escriba, enquanto as duas últimas linhas foram escritas pela própria remetente.



Considerações interpretativas

1.1 *Paulo, servo [...] apóstolo, separado para o evangelho de Deus.* Paulo fornece três descrições de si mesmo. Primeiro, ele é servo ou escravo (*doulos*) de Jesus Cristo. Além da conotação degradante de *doulos*, é possível que Paulo tivesse em mente uma alusão positiva à tradição veterotestamentária do “servo de Yahweh”, aplicada a Israel (Ne 1.6; Is 43.10), aos profetas (2Rs 9.7; 17.23), a Moisés (Js 14.7; 2Rs 18.12), a Josué (Js 24.29) e, especialmente, ao servo sofredor, em Isaías (Is 42.1-9; 49.1-13; 50.4-11; 52.13—53.12). O uso que Paulo faz do título menos comum “Cristo Jesus” (NVI, NTLH), em vez do mais usual “Jesus Cristo”, pode ser uma alusão a seu encontro místico com o Jesus ressurreto no caminho para Damasco. Paulo costuma usar “Cristo Jesus” quando menciona sua experiência dramática de conversão. Segundo, Paulo é chamado para ser apóstolo; isso significa que, no tocante à sua posição, estava em pé de igualdade com os primeiros doze discípulos. Embora ele não tivesse conhecido o Jesus histórico, seu apostolado era verdadeiro. O importante era que Paulo havia se encontrado com o Jesus ressurreto (p. ex., Gl 1.15-18; 1Co 15.8). Terceiro, Paulo foi separado para o evangelho de Deus. Aqui, “separado” provavelmente se refere ao chamado divino de Paulo desde o nascimento para ser apóstolo de Cristo, chamado que se concretizou no caminho para Damasco (cf. Gl 1.15-18). Como observamos anteriormente, a raiz mestra do termo “evangelho” é a promessa das boas-novas da restauração escatológica de Israel (cf., esp., Is 40.9; 52.7; 61.1 [cf. Lc 4.18]; tb. Is 60.6; Jl 2.32; Na 1.15). Essa mensagem de boas-novas também incluía a conversão dos gentios (cf. Is 2.2-4; Mq 4.1-3; Rm 9.25-27; 15.16-33). É o evangelho de “Deus” em Cristo, porque se originou no Antigo Testamento, como

promessa divina a Israel, e se cumpriu em Jesus Cristo.

1.2 *que ele antes havia prometido pelos seus profetas.* Comentaristas concordam que, aqui, “profetas” se refere a todo o Antigo Testamento. Assim, Paulo diz que, de modo profético, o Antigo Testamento dá testemunho do evangelho de Deus. Isso pode ser observado já em Gênesis 12.1-3, onde Deus promete abençoar os descendentes de Abraão (os judeus), bem como as nações do mundo (os gentios). De fato, essa é a interpretação que Paulo faz de Gênesis 12.1-3 (cf. Rm 4.9-12; cf. Gl 3.6-9). E essa dupla promessa da bênção de Deus sobre judeus (a restauração de Israel) e gentios (a conversão das nações) é tratada como promessa escatológica em Isaías 40—66. A dupla promessa é explicada claramente em Romanos 1.3-4, com referência a Israel, e em 1.5-7, com referência aos gentios. Jesus Cristo é aquele que Deus designou para garantir o cumprimento dessas promessas.

1.3,4 *da descendência de Davi [...] Filho de Deus.* A primeira observação é que, na opinião de muitos intérpretes, esses dois versículos consistem de um hino ou de um credo acerca de Jesus, anterior a Paulo. Eles pensam isso devido aos termos incomuns no vocabulário paulino (“descendência [semente] de Davi”, “Espírito de santidade”) e ao paralelismo inerente aos versículos. Esse paralelismo, que fica mais evidente no texto em grego, ocorre da seguinte forma:

que veio	que foi designado ¹
da semente de Davi	Filho de Deus em poder
segundo a carne	segundo o Espírito de santidade (da ressurreição dos mortos)

Em segundo lugar, a chave para interpretar 1.3,4 é entender o significado do

contraste entre “carne” (ARA, ARC) e “Espírito de santidade”. Embora se trate de uma questão controversa, o ponto de vista mais adequado interpreta carne/Espírito como o contraste entre a era presente e a era vindoura. O primeiro termo é referente à carne, neste caso, a Jesus, o descendente humano de Davi; o último, a expressão “Espírito de santidade”, é referente à era vindoura, a era do Espírito. Mais adiante, Paulo deixa claro que a humanidade de Jesus é apenas em semelhança da carne do pecado (Rm 8.3). Embora o significado de “Espírito de santidade” seja incerto (no Novo Testamento, aparece somente aqui), a expressão grega provavelmente reflete uma construção das línguas semíticas referente ao Espírito Santo.

Em terceiro lugar, à luz das duas considerações anteriores, podemos concluir que “Filho” / “Filho de Deus” em 1.3,4 forma uma *inclusio* e indica que o eterno e preexistente Filho de Deus se tornou humano na forma da semente de Davi e, em sua ressurreição, o Filho (Jesus Cristo) foi elevado a uma nova posição: o poderoso, exaltado e celeste Filho de Deus.

Em quarto lugar, de acordo com a mensagem desse trecho cristológico, a prometida restauração de Israel começa a se cumprir em Jesus Cristo. Observe as quatro ligações entre Romanos 1.3-4 e a promessa de restauração de Israel no Antigo Testamento e na literatura judaica do Segundo Templo apresentadas na tabela 1.²

Tabela 1: Jesus Cristo em Romanos 1.3,4 e a restauração de Israel

Romanos 1.3-4:	
Restauração de Israel	Jesus é o...
As boas-novas da restauração de Israel (Is 40—66)	“evangelho” (Rm 1.1-7)

Romanos 1.3-4:

Restauração de Israel	Jesus é o...
O Messias davídico restaurará Israel na era vindoura (2Sm 7.12-16; Is 11.1,10; Jr 23.5,6; Ez 34.23,24; 37.24,25; Sl. Sal. 17.21; 4Q174)	Messias davídico (cp. Rm 1.3 com Mt 1.1-16; Lc 1.27,32,69; 2Tm 2.8; Ap 5.5; 22.16)
Israel é o Filho de Deus (Êx 4.22,23; Jr 31.9; Os 11.1; Sb 9.7; 18.13; Jub. 1.24,25; Sl. Sal. 17.30; 18.4)	Filho de Deus, o Israel verdadeiro/restaurado (cp. Rm 1.3,4 com Mt 4.1-11; Lc 4.1-13)
A futura restauração de Israel é comparada à ressurreição dos mortos (Is 26.19; Ez 37.1-14)	ressurreto dos mortos (Rm 1.4)

1.5 *Por meio dele recebemos graça e apostolado [...] obediência da fé.* De acordo com a descrição de Paulo, seu chamado foi de “graça e apostolado”, indicando que o encontro com o Jesus ressurreto no caminho para Damasco foi, ao mesmo tempo, sua conversão a Cristo e seu chamado para ser apóstolo aos gentios. Não devemos eliminar o primeiro elemento da equação, como fazem alguns intérpretes. O significado da expressão “obediência da fé” ou “obediência que vem pela fé” (NVI) é objeto de debate e pode indicar que a obediência é a expressão da fé (“obediência que é fé”) ou que a obediência resulta da fé. De qualquer modo, essa fé/obediência se refere à promessa escatológica do Antigo Testamento de que, na restauração de Israel, os gentios se converterão ao Deus verdadeiro (cf. Is 2.2-4; Mq 4.1-3; Rm 9.25-27; 15.16-33). Paulo, contudo, inverte essa sequência em Romanos 11.24-27. De fato, a conversão escatológica dos gentios é o tema de 1.5-7 como um todo.

1.6 *também sois.* Paulo deixa duas coisas implícitas neste versículo. Primeiro, que os cristãos gentios são o grupo predominante,

em relação à minoria de cristãos judeus, nas congregações em Roma; por isso, esse é seu comentário a eles (cf. 11.11-24). Segundo, eles estão sob a autoridade apostólica de Paulo como primeiro e principal apóstolo aos gentios.

1.7 *A todos que estais em Roma.* Embora as palavras “em Roma” não apareçam em alguns manuscritos antigos, sem dúvida fazem parte do texto original, fornecendo o nome dos destinatários da carta. Paulo aplica aos cristãos gentios em Roma três designações veterotestamentárias para Israel: “chamados” (cf. Dt 4.37; 10.15; Is 41.9; 48.12), “amados” (cf. Dt 4.37; 10.15; cf. tb. Dt 7.8; 23.5) e “santos” (cf. Êx 19.5,6; Lv 19.2; Dt 7.6). Com isso, o apóstolo aos gentios comunica que eles fazem parte do povo de Deus tanto quanto Israel.

Não se deve atribuir importância excessiva ao fato de Paulo não se dirigir aos cristãos em Roma como a “igreja em Roma”, visto que ele omite esse título nas saudações de outras cartas (Filipenses, Colossenses, Efésios).

Paulo oferece à igreja romana a saudação cristã: “graça” e “paz”. “Graça” (*charis*) é uma adaptação da saudação grega típica (que usa o verbo *chairō*), na qual Paulo aponta Cristo como origem da graça de Deus. “Paz” é uma adaptação da saudação judaica *shalom*, que provém também de Cristo.

Considerações teológicas

Pelo menos quatro considerações teológicas se apresentam em Romanos 1.1-7: (1) os temas de promessa e cumprimento são o ponto de apoio desses versículos iniciais e, na verdade, de toda a carta. (2) Paulo tem o cuidado de indicar que existe apenas um povo de Deus, formado por cristãos judeus e gentios. (3) Paulo interpreta o Antigo Testamento de modo messiânico (como fizeram outros autores do Novo

Testamento): Cristo é o ponto culminante. (4) Ficam implícitos aqui credos posteriores da igreja a respeito das duas naturezas de Jesus Cristo e da Trindade.

Para ensinar o texto

Encontramos em Romanos 1.1-7 três aplicações relativas ao evangelho para públicos de todo tipo. Primeira, que a teologia do evangelho é norteada pelo Antigo Testamento. Assim, o evangelho está arraigado no Antigo Testamento, se cumpre em Jesus Cristo, o Messias prometido, e é articulado por Paulo, o cristão judeu. Perder isso de vista é ir pelo mesmo caminho que o herege Marcião, segundo o qual a Bíblia apresenta dois deuses diferentes, o deus de ira do Antigo Testamento e o deus de amor do Novo. Como um de meus professores costumava dizer, para ser um cristão sólido, é preciso conhecer o Antigo Testamento. Ele tinha razão. O Antigo Testamento mostra o amor e a justiça do Deus único, e o Novo Testamento faz o mesmo.

A segunda aplicação diz respeito aos benefícios pessoais do evangelho, que são extraordinários: paz, amor e santidade de Deus por meio de Cristo. Mais adiante, Romanos fornece detalhes dessas bênçãos; por ora, basta observar que o amor de Deus em Cristo dá aos pecadores paz com Deus quando aceitam, pela fé, que Cristo morreu por seus pecados e ressuscitou para sua justificação.

A terceira aplicação é o fato de que o alcance evangelístico das boas-novas é universal. Jesus, o Messias de Israel, é Salvador do mundo e Senhor do universo. A mensagem de Jesus Cristo não conhece fronteiras. Propagou-se de Jerusalém para a Judeia, Samaria e até os confins da terra, graças ao ministério dos treze apóstolos, incluindo o apóstolo Paulo.

Para ilustrar o texto

A teologia do evangelho é norteada pelo Antigo Testamento.

Educação: Vários anos atrás, um comitê de professores de Harvard declarou que “o objetivo da educação liberal” era “desarranjar pressupostos, tornar desconhecido o que era conhecido, revelar o que se passa abaixo da superfície e por trás das aparências, desnortear os jovens e ajudá-los a reencontrar seu caminho”. Nessa declaração, ficava implícito um modo de vida holístico, que enfatizava o pensamento independente, com certa dose de ceticismo em relação às coisas passadas, inclusive à criação recebida na infância. Esse ponto de vista se alinha à atual cultura individualista, com seu foco voltado para o questionamento, a autodescoberta e a satisfação pessoal. Uma abordagem mais tradicional à vida é discutida no livro *On thinking institutionally* [Sobre o modo de pensar institucional], do cientista político Hugh Heclo, cuja ênfase não recai sobre o que nós desejamos da vida, mas, sim, sobre o que ela deseja de nós. Nas palavras de Heclo, “os institucionalistas se consideram devedores, alguém que tem uma dívida, e não credores aos quais algo seja devido”.³

O alcance do evangelho é universal e se estende a judeus e gentios.

Hino: Saudai o nome de Jesus, de Edward Perronet.

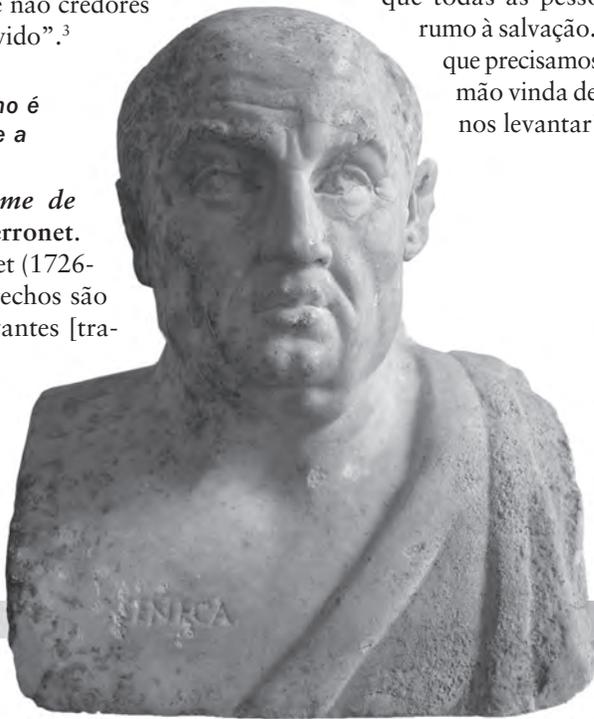
Nesse texto de Perronet (1726-1792), os seguintes trechos são particularmente relevantes [tra-

dução livre]: “Vós, semente escolhida da linhagem de Israel, / vós, resgatados da Queda, / saudai aquele que vos salva por sua graça / e coroi-o Senhor de todos” (segunda estrofe); “Que cada raça, cada tribo / nesta esfera terrestre, / atribua a ele toda a majestade” (quarta estrofe); “exaltai o ramo da raiz de Jessé” (quinta estrofe).

A obediência da fé significa que justificação e santificação não devem ser separadas uma da outra.

Apologética: Tudo pela graça, de Charles Haddon Spurgeon. Nesta obra (1894), Spurgeon ilustra o conceito de obediência da fé ao observar que justificação sem santificação não é salvação verdadeira. “Seria o mesmo que chamar um leproso de limpo e deixá-lo morrer dessa doença. Seria o mesmo que perdoar uma rebelião e deixar que o rebelde continue sendo inimigo do rei. [...] Isso poderia, até mesmo, conter a corrente por um tempo, mas deixaria aberta a fonte da corrupção, a qual, cedo ou tarde, rebentaria com poder dobrado”.⁴

Citação: Sêneca. Filósofo romano, contemporâneo de Paulo (c. 4-65 d.C.), disse que todas as pessoas olham rumo à salvação. Para ele, o que precisamos é de “uma mão vinda de cima para nos levantar”.⁵



Busto de Sêneca, um dos lados de uma herma dupla (primeiro a terceiro século d.C.).

UM COMENTÁRIO ESSENCIAL PARA...

PASTORES ■ PREGADORES ■ PROFESSORES

Este comentário de Romanos sem dúvida será de grande auxílio para quem se aplica à pregação e ao ensino das Escrituras, além de servir de ferramenta indispensável para qualquer estudante diligente da Palavra de Deus. Primeiro volume da *Série Comentário Expositivo*, este livro contribuirá grandemente para que a mensagem vital de Paulo aos cristãos de Roma seja entendida em seu contexto e aplicada a nossa vida.

A *Série Comentário Expositivo* oferece a pastores, pregadores, mestres e estudantes da Palavra de Deus o que há de melhor na área do conhecimento bíblico, para que possam passar sem dificuldades do significado do texto a sua comunicação eficaz. Em cada volume, o livro bíblico tratado é dividido em unidades de pregação (perícopes) cuidadosamente selecionadas, acompanhadas de comentários de no máximo 6 páginas, com ilustrações extraídas dos campos da arte e da cultura e aplicações para os nossos dias. Cada volume da série permite, assim, que o leitor apreenda rapidamente as informações mais importantes.

Cada volume, enriquecido com fotos, mapas e gráficos, se compõe das seguintes seções, voltadas para a passagem estudada:

- IDEIA CENTRAL
- PARA ENTENDER O TEXTO
- PRINCIPAIS TEMAS
- PARA ENSINAR O TEXTO
- PARA ILUSTRAR O TEXTO

C. MARVIN PATE (PhD, Marquette University), autor deste volume, é chefe do departamento de Teologia Cristã, onde ocupa a cátedra Elma Cobb da Ouachita Baptist University como professor de Teologia Cristã. Também é pastor da Igreja Batista DeGray. É autor, coautor e organizador de vários livros, entre eles *The writings of John*, *The story of Israel* e *The end of the age has come: the theology of Paul*.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0607-6



9 788527 506076